

DRAMA NA SAÚDE

Há um mês, o Hospital de Base não realiza cirurgias em pacientes com doenças renais que precisam de novo órgão. Faltam materiais cirúrgicos e medicamentos

ORIVALDINA PODE RECEBER UM RIM DA IRMÃ, MAS NÃO CONSEGUE O TRANSPLANTE PORQUE FALTAM REMÉDIOS NO HOSPITAL

Juliana Cézar Nunes
Da equipe do Correio

Tocar órgão profissionalmente. Levar, no colo, os dois netos à igreja. Vender cosméticos para as amigas. Três desejos que fazem parte dos planos da moradora do Recanto das Emas Orivaldina Oliveira, 44 anos. Para realizá-los, ela precisa de um milagre que coloque material cirúrgico, anestesia, antibióticos e medicamentos de pós-operatório no setor de transplantes de rins do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF).

Há um mês, nenhuma cirurgia é realizada no setor. De janeiro a março do ano passado, foram apenas 15. Em abril, o Ministério da Saúde suspendeu as atividades do local por um mês. Motivo: falta de infra-estrutura física (*leia memória*). Desde então, apenas outros quatro pacientes receberam rins — um deles em dezembro, quando um órgão retirado de doador cadáver foi enviado a Goiânia para não ser desperdiçado.

Os médicos que trabalham no setor contam que em setembro de 2002 e janeiro deste ano nenhum dos pacientes com problemas renais crônicos chegaram perto da sala de cirurgia. É o caso de Orivaldina. Há seis anos à espera de um órgão, a dona-de-casa, mãe de três filhos, tem o que muitos colegas sonham: uma irmã com o organismo compatível, disposta a doar um dos rins.

O transplante é a única maneira de Orivaldina se libertar das três sessões semanais de hemodiálise. “Estou fazendo os exames pré-operatórios a cada três meses porque eles perdem a validade. Enquanto isso, continuo na hemodiálise, que me deixa cada vez mais fraca, com o braço machucado e com tonteadas”, reclama Orivaldina, que no último fim de ano deixou de aproveitar o melhor período de vendas de perfumes e maquiagem na expectativa da cirurgia. “Tenho medo de perder a esperança de enfrentar essa fila sem fim.”

OFÍCIOS ENVIADOS

O secretário da Associação dos Renais de Brasília (Arebra), José Santana de Carvalho, 34 anos, diz que em outubro e novembro do ano passado foram enviados ofícios à direção do hospital alertando sobre o baixo estoque de material hospitalar e medicamentos. “Chegaram a faltar kits para exames simples. É muito difícil ver o sofrimento das pessoas que procuram a associação em busca de uma ajuda que não podemos dar”, lamenta Santana.

Assim como ele, médicos que trabalham no setor de transplantes também enviaram à direção e à secretaria alertas sobre o problema. O secretário de Saúde, Ar-

naldo Bernardino, afirma que desde quando assumiu o cargo — no fim de novembro — não tomou conhecimento do problema (*leia texto ao lado*). A secretaria recebe recursos do Ministério da Saúde para fornecer medicamentos e material cirúrgico para qualquer tipo de transplante. O Mi-

nistério tem repassado regularmente o dinheiro — no caso do transplante de rins são cerca de R\$ 20 mil por cirurgia. No entanto, a verba só é liberada depois que o transplante é realizado.

Para evitar que os pacientes dependam de investimentos do governo local, o responsável pela

Promotora de Defesa dos Usuários dos Serviços de Saúde (Pró-Vida), Diaulas Ribeiro, notificará o secretário de Saúde e exigirá que ele defina uma política de transplantes no DF. No ano passado, Ribeiro intermediou uma reunião entre representantes de hospitais privados e o então secretário de

Saúde Paulo Kalume na qual foi elaborado um projeto de parceria até hoje não colocado em prática. “Existem três hospitais na cidade capazes de realizar transplante”, diz o promotor. “Se a rede pública não consegue resolver o problema, não adianta encarar a rede privada como concorrente.”

DF - Saúde

De novo, sem transplante

LISTA DE ESPERA

502

pacientes estão à espera de transplante renal no Distrito Federal,

7

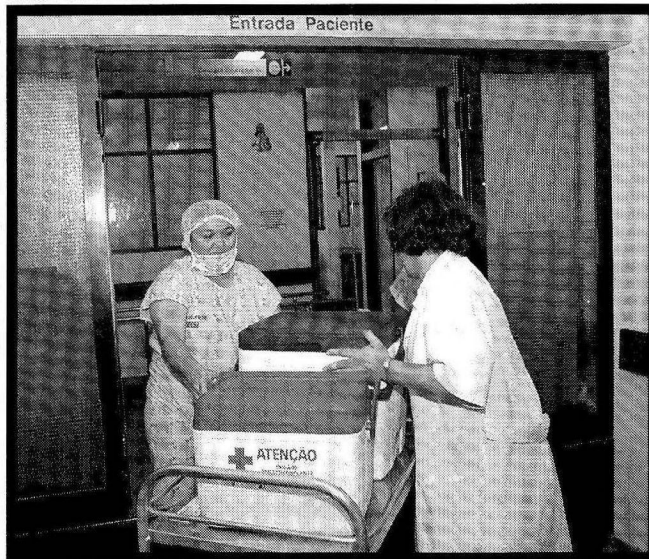
peçoas aguardam operação semelhante para curar doenças graves no fígado e

2

precisam de transplante de pulmão. Nos dois últimos casos, a cirurgia é fora do DF

MEMÓRIA

Carlos Moura 27.1.00



EM 2001, O TOTAL DE TRANSPLANTES NO DF FOI REDUZIDO EM 40%

■ Limpeza e preparo do material feitos no mesmo ambiente e de forma inadequada na Unidade de Transplante;

■ Ausência de higienização das mãos no Centro Cirúrgico;

■ Ausência de equipamento de proteção individual (aventais, luvas e máscaras) na Central de Material Esterilizado;

■ Área de Recepção e Lavagem de Roupas (Área Suja) em situação crítica, sem porta para isolar o setor, sem sistema de exaustão e com contaminação interna e externa pelas roupas sujas de excreções e secreções.

Nos primeiros seis meses de 2001, o Hospital de Base, que já foi referência no setor,

fez apenas 11 transplantes de rim com doador vivo — uma queda de 40% em relação ao ano anterior. Em março do mesmo ano, dois rins doados em Brasília tiveram de ser enviados para receptores no Ceará. Uma infiltração na sala de cirurgia do HBDF impediu o transplante. No final de 2001, 14 das 63 cirurgias de transplantes de rim realizadas no hospital tiveram complicações. Apenas cinco pacientes conseguiram voltar para casa com o rim em atividade normal.

Diante de tamanho problema, o Ministério da Saúde suspendeu em abril do ano passado a licença do Hospital de Base para realizar transplante em pacientes com doenças graves de rim, fígado e pulmão. A autorização de funcionamento do setor de transplante renal foi dada pelo ministério em maio de 2002. O setor de transplante de fígado e pulmão está parado até hoje. O ministério não considera que há estrutura física para reativá-los.

RECEITAS FALSAS

A Delegacia de Falsificações e Defraudações abriu inquérito para apurar denúncia de uso de receitas falsas para a retirada de medicamentos na rede pública do DF. De acordo técnicos do governo, os prejuízos somam mais de R\$ 10 mil. Foram notificados casos nas regionais de Saúde de Samambaia e Taguatinga. No posto de saúde nº 1 de Samambaia cerca de 90 caixas de remédios teriam saído este ano com receitas frias. Em Taguatinga, um rapaz (de identificação não divulgada) foi detido semana passada. Numa receita encontrada em seu poder, havia assinatura de um médico com inscrição no Conselho Regional de Medicina (CRM) do DF, sendo que a polícia apurou que o profissional está registrado em outro estado. Se ficar provado que os remédios vinham sendo retirados com as falsas receitas para serem revendidos, configura-se então o crime de estelionato, punido com pena de 1 a 5 anos de reclusão, mais multa.

Secretário se diz surpreso

Ao ser procurado pela reportagem do Correio, o secretário de Saúde, Arnaldo Bernardino, se surpreendeu com a suspensão dos transplantes de rins no Hospital de Base do Distrito Federal. Bernardino diz que o assunto não chegou a ele, seja por meios oficiais ou informais. “Fica difícil gerenciar quando as reclamações chegam pela imprensa. Chego a pensar na existência de um grupo de pessoas dentro dos hospitais que não querem ver a saúde com paz e tranquilidade”, reclama o secretário. “Estou há 56 dias aqui, totalmente empenhado para resolver os problemas mais urgentes, como a falta de remédio.”

O secretário de Comunicação do DF, Paulo Fona, conta que desde a posse do novo secretário de Saúde o governo do Distrito Federal tem se preocupado em sanar as dificuldades momentâneas da área de saúde. Inclusive trabalhando em conjunto com o Ministério da Saúde, Ministério Público, tribunais de contas do DF e da União, órgãos que realizaram investigações para identificar as causas do desabastecimento nos hospitais e farmácias públicos. “O secretário — Bernardino — têm desenvolvido todos os esforços para minimizar os problemas que são de conhecimento público”, garante Fona. (JCN)